

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DANIELA DA SILVA SANTOS

UM PROJETO DE ESCRITA DE FERNANDO PESSOA: o mito sebastianista em
Mensagem

RIO DE JANEIRO
2023

Daniela da Silva Santos

UM PROJETO DE ESCRITA DE FERNANDO PESSOA: o mito sebastianista em
Mensagem

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Braz de Sousa

RIO DE JANEIRO

DANIELA DA SILVA SANTOS

UM PROJETO DE ESCRITA DE FERNANDO PESSOA: o mito sebastianista em
Mensagem

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras na habilitação Português/
Literaturas.

Data de avaliação: 01/12/2023

Banca examinadora:

Banca Examinadora:



Paulo Ricardo Braz de Sousa – Orientador
Prof. Doutor – UFRJ

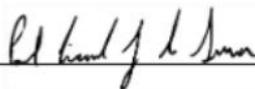
NOTA: 9,5



Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier – Leitor Crítico

NOTA: 9,0

Assinaturas dos avaliadores:



SANTOS, Daniela da Silva Santos. **Um projeto de escrita de Fernando Pessoa: o mito sebastianista em *Mensagem***. Monografia (Graduação em Letras: Português/Literaturas)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Trabalho voltado para a pesquisa dos contextos históricos e sociais que permeiam a sociedade portuguesa, especialmente na obra de Fernando Pessoa. Portanto, realizou-se a análise de textos desse poeta, com ênfase em *Mensagem*, buscando capturar a essência de seu projeto de escrita que pretendia resgatar a boa alma nacional portuguesa. Além disso, procurou-se compreender a manipulação dos mitos ao longo da história portuguesa, estabelecendo uma abordagem comparativa entre as definições de Pessoa e as do Padre António Vieira sobre o mito sebastianista e as Trovas de Bandarra. Adicionalmente, identificou-se como os mitos foram utilizados há muitos séculos de acordo com os interesses políticos, inclusive no governo salazarista. Curiosamente, Fernando Pessoa, lançou o seu único livro em um concurso promovido por esse governo, estabelecendo relações de tensão e divergência após o posicionamento do poeta.

Palavras-chaves: Fernando Pessoa; *Mensagem*; sebastianismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	8
3. SEBASTIANISMO.....	17
4. PADRE ANTÓNIO VIEIRA E O QUINTO IMPÉRIO.....	24
5. D. SEBASTIÃO EM <i>MENSAGEM</i>	29
6. CIRCUNSTÂNCIAS EM TORNO DA PUBLICAÇÃO DO LIVRO <i>MENSAGEM</i> EM 1934.....	33
7. CONCLUSÃO.....	38
8. REFERÊNCIAS.....	39

CIP - Catalogação na Publicação

S237p Santos, Daniela da Silva
UM PROJETO DE ESCRITA DE FERNANDO PESSOA: o mito
sebastianista em Mensagem / Daniela da Silva
Santos. -- Rio de Janeiro, 2023.
41 f.

Orientador: Paulo Ricardo Braz de Souza .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Fernando Pessoa. 2. Mensagem. 3.
Sebastianismo. I. Souza , Paulo Ricardo Braz de ,
orient. II. Título.

1. INTRODUÇÃO

Em 11 de janeiro de 1890, Portugal e Inglaterra protagonizaram o evento que ficou historicamente conhecido como *Ultimatum*, no qual Portugal foi humilhado pelas exigências da coroa inglesa. Após o *Ultimatum*, o regime monárquico caminhou para sua queda, provocando grande sentimento de abandono na população portuguesa e despertando neles também o desejo por um líder que pudesse conduzi-los novamente ao seu passado próspero. O poeta Fernando Pessoa (1888-1935) cresceu justamente durante esse período, conhecido como um dos mais intensos de instabilidade política em Portugal. Esses acontecimentos ressoavam na sua vida e nas suas obras, como podemos observar na composição do livro *Mensagem* (1934).

Diante desse episódio, veremos ao longo do trabalho que a escrita do poeta abrange tanto aspectos políticos quanto sociológicos, com o objetivo de sugerir outras maneiras de unificar Portugal novamente. Ele utiliza antigas crenças, como o mito sebastianista e o mito do Quinto Império, para poder alcançar o seu propósito. Através desses mitos, propôs, de maneira utópica e esotérica, instituir Portugal como último império do mundo, retornando, assim, aos seus anos de glória.

Com base nessas argumentações, Fernando Pessoa acreditava que conseguiria restaurar o ideal de nação, visto que, segundo as alegações dele, o país, na prática, estava corrompido naquele momento. O poeta utilizou diferentes textos-base para a sua escrita, valendo-se principalmente das Trovas de Bandarra e dos textos escritos pelo Padre António Vieira. Segundo o sacerdote, o Encoberto que Bandarra profetizara iria vir através do reinado de D. João IV. Já o poeta apresenta outra versão, na qual o Encoberto seria, não apenas o rei D. Sebastião, mas, ele mesmo, manipulando o mito de acordo com os seus interesses.

Para além disso, partindo do pressuposto de que Fernando Pessoa escreveu o livro *Mensagem* durante momentos diferentes da sua vida, o objetivo deste trabalho é fazer uma análise crítica e bibliográfica de tal obra, de maneira a investigar como o autor interpretou a figura do Rei D. Sebastião e o mito sebastianista, à luz de possíveis mudanças no seu posicionamento político. Interessa, portanto, notar como se processam algumas tensões entre a intimidade de Pessoa com o mito messiânico e o (ab)uso do imaginário em torno da figura d'O Encoberto pela máquina de propaganda salazarista.

Este trabalho, de natureza qualitativa e conduzido por meio de leituras e coleta de textos, propõe uma leitura do sebastianismo na obra pessoana. Para alcançar os objetivos deste estudo, realizamos a leitura minuciosa dos textos e poemas escritos por Fernando Pessoa, com ênfase no livro *Mensagem*. Fundamentamos nossa pesquisa em ensaios, artigos e dissertações que investigaram e analisaram as questões históricas e culturais que permeiam a obra e a vida do poeta.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 1890, Portugal recebeu da Inglaterra uma ordem de retirada imediata das tropas militares portuguesas das colônias em Moçambique e Angola, que na época ainda pertenciam ao país português, a fim de permitir o livre acesso dos ingleses a essas regiões. Sem condições de recusar a ordem da Coroa Britânica, esse episódio histórico ficou conhecido como *Ultimatum*. Tal evento fomentou ainda mais o sentimento de vergonha e impotência da nação portuguesa, pois ela se encontravam, mesmo antes desse evento, em um progressivo declínio de poder. Após o *Ultimatum*, a sociedade portuguesa exigiu que o regime monárquico acabasse, mas isso só aconteceu em 4 de outubro de 1910.

Além do *Ultimatum*, existem outros fatores importantes que contribuem para o status de uma nação em declínio. De acordo com Eduardo Lourenço, em seu livro *Nós e a Europa ou as duas razões*, Portugal se considera e é considerado como uma península à parte do continente europeu, o que gera um forte sentimento de ambivalência e marginalização em comparação com o “restante da Europa”. Além disso, o continente europeu, que outrora se considerava "o centro do mundo", deixou de ser o epicentro das inovações e revoluções (LOURENÇO, 1994, p. 67). Diante desse cenário, a Europa tenta reafirmar-se como o centro da cultura e da política, enquanto Portugal busca fazer o mesmo à sua maneira.

Apesar da divisão histórica entre Portugal e o restante da Europa, o mundo continua a vê-los como uma única entidade. Diante desse fato, não é surpreendente que, em uma perspectiva global, Portugal seja frequentemente citado como um exemplo de fracasso europeu, especialmente no que se refere ao desenvolvimento científico, (LOURENÇO, 1994, 51). Atualmente, com a falta de status e perspectivas, a nação portuguesa tem sido impactada negativamente; uma das consequências disso é o êxodo de jovens trabalhadores portugueses para outras áreas do continente europeu.

Os períodos que se sucederam após a queda da Coroa Portuguesa foram compostos por incertezas políticas, má administração e violência. Dessa vez, o povo não conseguia mais ver soluções ou salvadores reais, embora Portugal já tivesse passado por momentos mais difíceis, como durante o período que durou de 1580 a 1640, época da dinastia espanhola filipina sobre o país lusitano. Diante desses fatos, no período de 1890 até 1935, muitos escritores reproduziram em suas obras o sentimento coletivo de

decadência que a nação portuguesa estava passando, podendo aparecer de maneira explícita na literatura, como em *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Apesar de Fernando Pessoa ter apenas um ano de idade na época do *Ultimatum* inglês, a sua vida e as suas obras foram marcadas pelas consequências desse episódio, mesmo que o escritor tenha passado grande parte da sua infância e juventude longe do seu país (foi somente em 1905 que regressou da África do Sul para Portugal, onde decidiu estabelecer-se). Buscando maneiras de se conectar às suas raízes, passou a pesquisar ativamente o nacionalismo português e seus mitos. Fascinado pelos livros lusitanos, vislumbrou um país que, no passado, era totalmente diferente daquele com o qual se deparava no presente. Dessa forma, Fernando Pessoa inspirou-se na literatura portuguesa antiga para desenvolver a sua escrita, a fim de resgatar velhas crenças e introduzi-las nas suas publicações, como ocorreu com o mito sebastianista.

No livro *Mensagem* – o único publicado em língua portuguesa por Fernando Pessoa quando ainda vivo – podemos observar a crença sebastianista já como mito nacional e assumindo também propriedades esotéricas. Essa crença surgiu após a dominação filipina em Portugal (1580-1640) e se mantém até hoje na cultura, consolidando-se no imaginário popular. Com base nisso, Fernando Pessoa buscou compreender como os mitos nacionais podem evoluir e estabelecer relações entre as pessoas, saindo do nacional para o individual e vice-versa.

Ao buscarmos no livro *Mensagem* referências ao mito sebastianista, o autor descreve a espera agonizante por um líder que pudesse resgatar Portugal de sua decadência. No entanto, pode-se inferir que suas intenções vão além disso, visando criar e estimular um mito unificador e esotérico que daria um novo significado às provações que a nação portuguesa enfrentou. Partindo dessa premissa, o livro começa com um caráter histórico e termina com um tom místico. Com essa mudança, o livro liga-se às *Trovas de Bandarra* e às narrativas míticas relativas ao sonho do Quinto Império.

A origem do mito sebastianista que aparece em *Mensagem* foi inspirada nas trovas escritas por um simples sapateiro chamado Gonçalo Annes Bandarra. Ele se dedicou a escrever trovas de caráter messiânico e profético, baseando-se em seu profundo conhecimento das escrituras sagradas do *Antigo Testamento* e, segundo ele, em um sonho que tivera, no qual um *rei-redentor* iria voltar para restaurar Portugal. Durante o século XVI, as trovas começaram a ser publicadas de maneira manuscrita e repassadas oralmente, tornando-se populares, principalmente entre os ditos

cristãos-novos¹. Embora elas tenham sido censuradas e proibidas pela Inquisição, as trovas já estavam disseminadas.

Nas *Trovas de Bandarra*, profetizou-se o retorno de um rei-redentor, que foi nomeado de muitas maneiras ao longo da obra, sendo os nomes mais conhecidos o de “El-rei” ou “Rei Encoberto”. A grande problemática que se deu sobre essa temática foi porque, de maneira nenhuma, as trovas descreviam com precisão quem seria o Encoberto, logo, surgiram muitas suposições sobre sua identidade. Duas versões são as mais comuns: a de que o Encoberto seria o rei Dom João IV (idealizada pelo Padre António Vieira) ou o rei Dom Sebastião (idealizada pelos sebastianistas, como D. João de Castro). Diante disso, podemos observar que existe um perfil de quem poderia ser essa personalidade: alguém importante na cultura portuguesa e em posição de governança.

Mediante essa descrição, Dom Sebastião parece atender aos critérios, uma vez que, desde o ventre da sua mãe, recebeu o epíteto de *O Desejado* pelo povo. Contextualizando sua história, ele foi um herdeiro muito aguardado para dar continuidade à Dinastia de Avis, pois o seu pai, o príncipe D. João (filho de D. João III), morreu antes mesmo do seu nascimento, pondo em risco a linha sucessória. A tensão permaneceu até o bebê nascer e ser um varão, porque, naquela época, somente homens podiam ascender ao trono em Portugal. O herdeiro D. Sebastião foi coroado rei aos três anos de idade, mas as brigas pelo trono só acabaram em 1568, quando, finalmente, foi declarado maior de idade.

Em tom de conselho exortativo, essas questões aparecem de maneira latente na dedicatória a D. Sebastião n’*Os Lusíadas*, já que o jovem e predestinado rei – “tenro e novo ramo florecente,/ De hũa árvore, de Cristo mais amada/ Que nenhũa nascida no Ocidente [...]” (I, 7) – precisava tomar o poder para si. Portanto, ele não poderia se esconder atrás da sua pouca idade; ele precisava, assim, consolidar e ampliar o seu lugar na história, tornando-se digno de memória.

E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
 Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
 Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
 Dareis matéria a nunca ouvido canto.
 Comecem a sentir o peso grosso
 (Que pelo mundo todo faça espanto)
 De exércitos e feitos singulares
 De África as terras, e do Oriente os mares. (I, 7-15)

¹ Termo utilizado para nomear judeus convertidos ao cristianismo.

Toda essa narrativa que gira em torno do epíteto “O Desejado” e o seu posterior desaparecimento em Alcácer Quibir corroboraram para que a crença messiânica começasse a ser estruturada em torno dele, possuindo como grande colaborador o historiador João de Castro, responsável por panfletar a versão impressa das Trovas de Bandarra e afirmar que o Encoberto seria Dom Sebastião, um legítimo rei de origem portuguesa que governaria o Reino. Entretanto, com o desaparecimento do rei português, graves problemas sucessórios foram desencadeados novamente. Isso levou, por fim, ao reinado de Felipe II, da Espanha, sobre o trono português, período no qual Portugal tornou-se uma colônia do país vizinho. (MOISÉS, 1996, p. 17)

Todavia, basear o sebastianismo nessas trovas não legitima Dom Sebastião como o mesmo “Encoberto” que Bandarra profetizou, afinal, não é possível fazer tal comprovação. A consequência dessa associação é que surgiram impostores afirmando serem o próprio Dom Sebastião reencarnado. Por falta de provas, os impostores foram mortos. Por isso, quando Fernando Pessoa utiliza o epíteto de “O Desejado” no livro *Mensagem*, temos a certeza de que ele se refere ao rei Dom Sebastião. No entanto, quando o autor utiliza o epíteto “Encoberto”, o qual já foi atribuído a mais de uma pessoa, é preciso averiguar se de fato Fernando Pessoa está falando de Dom Sebastião ou não, talvez, até mesmo, referindo-se a um “impostor”.

Um detalhe importante que precisamos considerar é o cenário no qual *Mensagem* foi publicado, já que, durante esse período, existia uma figura muito marcante politicamente e que estava em ascensão constante: o ditador António de Oliveira Salazar. Sua carreira foi alavancada quando assumiu a pasta de finanças em 1928 e logo após isso conseguiu aplicar o seu conhecimento financeiro, gerando muitos resultados positivos para a economia do país, aparentemente. Antes de Salazar assumir o cargo, as contas já estavam negativas, o que se agravou considerável e progressivamente desde a Primeira Guerra Mundial; por causa disso, o país necessitava, urgentemente, de novas estratégias econômicas.

A vinda de Salazar trouxe enfim o Chefe de Acção Nacional. Gradativamente se sentiu a sua chefia, foi primeiro um prestígio de pasmo, pela diferença entre ele e todas as espécies de chefes políticos que o povo conhecesse [...] e era, ao contrário dos vulgares chefes políticos, um homem de ciência, de trabalho e de poucas palavras [...]. Veio depois o prestígio administrativo, do financeiro - prestígio que o povo, incapaz de criticar ou perceber uma obra financeira - imediatamente aceitou por virtude do prestígio já dado. (PESSOA, 1978a, p. 354)

Nessa época, Salazar recebeu muitos elogios por sua administração, saindo manchetes nos jornais e revistas a seu favor. As propagandas e elogios fizeram com que muitos acreditassem que Salazar pudesse reverter a instabilidade política e econômica do país, caracterizando ele como um líder insurgente que há muito tempo era esperado para melhorar a situação econômica e organizacional de Portugal. Entretanto, é importante questionar a veracidade dessas afirmações, visto que Portugal estava sob um forte regime de censura. Diante dessas motivações política e pessoal, a figura do Encoberto e de Salazar entrelaçam-se, visto que a narrativa que constrói tal figura e o seu retorno se assemelha às características do ditador português.

Tal correlação não é incomum na cultura portuguesa, pois existem outros casos semelhantes, como quando o Padre António Vieira desenvolveu a sua interpretação das *Trovas do Bandarra*. O sacerdote foi um importante divulgador das trovas, dedicando livros e discursos públicos a respeito dessa profecia. Nas interpretações feitas pelos sebastianistas das *Trovas de Bandarra*, era profetizado que o Encoberto seria D. Sebastião; porém, Vieira propõe uma visão diferente, alegando que o Encoberto, na verdade, seria D. João IV.

No entanto, a interpretação de Vieira foi criticada, pois deixava “furos” em sua argumentação. Dessa maneira, buscando preencher as lacunas das suas afirmações, Vieira propõe uma ligação entre D. Sebastião e D. João IV através da linhagem de Bragança e seus descendentes. Ou seja, as interpretações podem variar e ter novos parâmetros de acordo com os interesses individuais e governamentais, possuindo como um dos objetivos principais consolidar o poder político. Ademais, não podemos esquecer que Vieira era um grande admirador e conselheiro próximo a D. João IV.

Inspirando-se nas obras do António Vieira, Fernando Pessoa também apresentou suas próprias definições sobre as Trovas de Bandarra. Diferente do sacerdote, que insistiu em boa parte das suas obras que D. João IV seria o Encoberto, Pessoa toma partido do mito sebastianista, no qual D. Sebastião regressará. Nas novas definições feitas por Pessoa, o Encoberto seria aquele capaz de concentrar as forças de um desejo coletivo e utilizá-las para transformar a sociedade; essa definição abrange não somente D. Sebastião, o verdadeiro Encoberto, mas outras figuras históricas também, denominados de “falsos Encobertos” pelo poeta.

O “falsos Encobertos” seriam aqueles que, após o desaparecimento de D. Sebastião, trouxeram de alguma forma esperança para o povo português de que Portugal

poderia ter o mesmo passado glorioso no presente. Diante disso, três figuras importantes da história portuguesa foram escolhidas: Sidónio Paes, D. João IV e o Marquês de Pombal. Sendo assim, Fernando Pessoa faz comparações entre os três, possuindo maior destaque sobre os outros o presidente Sidónio Paes, uma vez que, em uma época de imensa desesperança, foi ele quem conseguiu trazer esperanças reais (e também místicas) de que Portugal poderia reerguer-se.

Dos três falsos Encobertos foi Sidónio sem dúvida o que, relativamente, ergueu em torno sua maior auréola mística. Pombal, não só pela natureza de sua obra, senão também pela sua própria índole e o racionalismo aureante do seu tempo, não foi cercado pela Nação de atmosfera mística nenhuma. D. João IV foi-o, tanto porque veio diretamente no meio do sentimento sebastianista, quanto porque coincidiu sua ascensão com a Restauração, com a verdadeira Primeira Vinda do D. Sebastião. (PESSOA, 1978, p. 207)

O presidente Sidónio Paes, assassinado em 1918, foi comparado pela própria população como um herói ou como a reencarnação do próprio Cristo. Então, diante dessas questões, o Encoberto precisaria ser alguém que transcendesse a individualidade para o sobrenatural, atingindo a imortalidade histórica, como aconteceu com D. Sebastião. Para além disso, podemos notar que o projeto de escrita de Fernando Pessoa também pode ser considerado como um esforço individual contra a realidade decadente de Portugal, podendo, ele mesmo, enquadrar-se nas definições de Encoberto ou “falso Encoberto”.

A partir dessas afirmações, podemos ver que o poeta via nas figuras políticas indivíduos capazes de carregar as idealizações de um povo, podendo desempenhar até mesmo a figura do Encoberto, nesse caso, se assim o povo desejasse. Posto isso, o autor salienta que a mudança social que os portugueses tanto esperam não virá somente da crença passiva de que D. Sebastião retornará, mas sim, através da combinação da crença e do engajamento social e político coletivo. Por isso, Fernando Pessoa termina o último poema de *Mensagem* com um chamamento: “É a Hora!” (PESSOA, 2008, p. 126).

É dentro de nós, em nós e por nosso esforço, que tem de vir, e virá, D. Sebastião. O Sebastianismo só é infecundo e estiolante quando o interpreto literalmente, como a speranza da vinda exterior do Rei ido, vinda que, sem nosso esforço, milagrosamente nos haja de salvar. [...]. (PESSOA, [19--?] apud URIBE; SEPÚLVEDA, 2012, p. 146)

Segundo Uribe e Sepúlveda (2012), o escritor português tinha interesses em outras figuras históricas europeias que, mesmo que tenham sido marginalizadas no seu

tempo, consagraram-se símbolos nacionais. Assim, estabeleceu até mesmo, através de listas, uma espécie de família espiritual. Nessas listas, o rei D. Sebastião aparece ao lado de diferentes figuras, como Sócrates, Júlio César e até mesmo Jesus de Nazaré! Todavia, embora se valha de figuras quase exclusivamente europeias para construir a história nacional, há algumas poucas referências e utilizações de outras culturas, como a árabe, demonstrando que essa fronteira, do que seria universal, poderia englobar demais regiões. (URIBE; SEPÚLVEDA; 2012, p. 57)

Tal correlação feita entre os “falsos Encobertos” e essa “família espiritual” pode servir para afirmar que Salazar pode estar dentro dos mesmos critérios que Fernando Pessoa estabeleceu sobre quem poderia ser o Encoberto ou um concentrador das forças. Afinal, a ascensão de Salazar ao poder devido ao “milagre econômico” que ele proporcionou foi um dos pontos altos na autoestima dos portugueses depois de muito tempo, sendo ele também, pela mesma lógica, um concentrador de desejos da população portuguesa.

A partir disso, existe o questionamento se, de fato, Fernando Pessoa utilizou ou não o mito sebastianista de forma estratégica para apoiar o governo ditatorial, uma vez que, por análises dos seus escritos e cartas a amigos, o autor revela uma intencionalidade estratégica da escrita sobre o sebastianismo e a quem deveria ser direcionado. Além disso, a princípio, Fernando Pessoa chegou a simpatizar com Salazar e somente após algumas atitudes desse ditador, como a censura à liberdade de escrita, que o escritor português se mostrou contra ele. Porém, ficamos com algumas perguntas: o quanto Salazar pode ter influenciado na concepção da escrita de *Mensagem*? Pode o ditador ter servido de inspiração para alguns versos?

Dessa maneira, é preciso averiguar as possíveis intenções de Fernando Pessoa com relação ao uso do mito do Encoberto em *Mensagem*. Afinal, com essa obra, o autor participou e conseguiu lançar o seu único livro publicado em vida durante o concurso promovido pelo governo salazarista. Além disso, é necessário investigar o porquê de o governo salazarista ter aberto exceções para o livro *Mensagem*, partindo do princípio de que, em primeiro momento, o maior prêmio era destinado apenas para o primeiro colocado no concurso. Portanto, ao longo do trabalho, apresentaremos algumas situações que explicam as questões apresentadas, buscando compreender o que pode ter acontecido.

Além do que foi posto, um adendo necessário diz respeito às diferenças entre *Os Lusíadas* e *Mensagem*, já que ambos os livros são permeáveis a um trabalho intertextual. Entre as diferenças está o fato de que em *Os Lusíadas* é feita uma homenagem ao jovem rei D. Sebastião, O Desejado, a quem o poema é dedicado; enquanto em *Mensagem* temos a exaltação ao rei D. Sebastião, já como o Encoberto, após a batalha de Alcácer-Quibir. Camões, em primeiro plano, celebra os eventos reais ocorridos na história portuguesa em seu livro, enquanto Fernando Pessoa coloca em segundo plano esses eventos reais, visando celebrar a “loucura”, o “sonho” e a “espera” associados ao mito sebastianista.

No livro *Mensagem* não há qualquer menção explícita a *Os Lusíadas*, mas notam-se semelhanças. Em ambos, há exaltação à história de Portugal e à expansão marítima, possuindo também vários personagens históricos iguais. Ademais, a viagem é mais do que somente navegar, ela é transcendental. Entretanto, apesar dessas semelhanças, as obras distinguem-se na forma, uma vez que Camões adota uma escrita épica tradicional, construindo Cantos extensos, lembrando-nos das epopeias greco-romanas da Antiguidade. Já a obra pessoana restringe-se ao elenco de personagens pontuais de maneira a criar um discurso sumário da história portuguesa, assumindo um estilo épico-lírico, dividido em três partes (“Brasão”, “Mar Portuêez” e “O Encoberto”).

No estilo épico Renascentista, como em *Os Lusíadas*, o homem estava no centro de sua história e nos avanços da humanidade, percorrendo caminhos para tornar-se imortal na história. Podemos observar essas questões no Canto IX, da Ilha dos Amores, onde Vasco da Gama e seus companheiros podem, finalmente, adentrar no plano invisível após passar por um processo de divinização durante as viagens. Entretanto, na modernidade, esses conceitos foram aos poucos rompidos, gerando a fragmentação do homem e ocasionando "crises de identidade". Por isso, o homem começa a repensar seu lugar no mundo. Diante disso, Fernando Pessoa busca resgatar a antiga nação portuguesa, aquela em que Camões ainda viveu, embora já suspeitasse seu declínio, pois a situação da sociedade contemporânea a Pessoa era de todo insustentável (QUESADO, 2016, 67)

Ademais, inicialmente, o livro *Mensagem* era intitulado *Portugal*, mas a troca dos nomes ocorreu antes mesmo da sua participação no concurso do Prémio Antero de Quental. Essa alteração foi bem-vinda, evitando possíveis comparações, desde o título,

com a obra camoniana, uma vez que o título *Os Lusíadas* já está se referindo a Portugal, através do nome Luso, pai mítico dos portugueses. Dessa forma, podemos dizer que os dois livros possuem características nacionalistas; mas *Mensagem*, sobretudo, assume um viés místico-esotérico.

Uma curiosidade é que a alteração do título foi uma sugestão feita por Da Cunha Dias, amigo de Fernando Pessoa. Em um ato reflexivo que teve em conjunto com o amigo, o poeta muda o nome para *Mensagem*, pois entendia que o título poderia ser atrelado a temas que não gostaria de vincular o seu livro, além de entender que a nação lusitana estava passando por um momento em que o ideal de pátria havia se perdido. Também, não podemos esquecer que o livro seria lançado através do concurso promovido pelo governo salazarista, o qual poderia utilizar qualquer brecha de semelhança como propaganda do governo totalitário. Abaixo, temos uma declaração do próprio poeta a respeito desse assunto:

O meu livro *Mensagem* chamava-se primitivamente *Portugal*. Alterei o título porque o meu velho amigo Da Cunha Dias me fez notar — a observação era por igual patriótica e publicitária — que o nome da nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua maior Dinastia. (PESSOA, 1978b, p. 21)

Além disso, *Mensagem* possui como epígrafe “BENEDICTUS DOMINUS DEUS NOSTER QUI DEDIT NOBIS SIGNUM”, que traduzido seria “Bendito o nosso Senhor Deus que nos deu o signo”. Essa frase demonstra que a troca do nome da obra pessoana vai além da superficialidade de evitar comparações com a obra camoniana. Segundo António Cirurgião (2020), interpretando a frase em latim, fica óbvia a intenção do poeta, considerando *Mensagem* como um signo divino com que Deus presenteou o homem, sendo um evangelho ou boas-novas. Por isso, Fernando Pessoa seria como um apóstolo e o seu livro seria um evangelho segundo Pessoa. (PIZARRO, 2020, p. 231).

3. SEBASTIANISMO

Antes de nos aprofundarmos, é preciso recapitular como o mito sebastianista surgiu e como aparece na literatura. O sebastianismo é a crença na volta do rei D. Sebastião, o qual foi declarado desaparecido desde a batalha de Alcácer-Quibir contra os marroquinos, conhecidos também pelos portugueses como “os infiéis”, em 1578. A morte de D. Sebastião gerou instabilidade na sucessão ao trono, já que ele não tinha herdeiros. Então, por ser parte da linha de sucessão mais próxima, o rei espanhol Felipe II assumiu o trono. Por conseguinte, foi nessa mesma época que os portugueses começaram a ansiar por um rei português que pudesse subir ao trono, trazendo a tão esperada libertação do domínio espanhol.

Vários escritores têm se dedicado a analisar o sebastianismo de diferentes maneiras. Alguns o veem como um mito que transcende do indivíduo para o coletivo, enquanto outros questionam a veracidade das informações que cercam a formação desse mito. O escritor Oliveira Martins, em seu livro *História de Portugal*, de 1879, diz que o mito sebastianista é um processo natural humano criado em um momento de esperança coletiva para nos proteger de uma realidade dolorosa (PIRES, 1982, p. 14). Tal alegação equipara-se, talvez, a algo que Fernando Pessoa se propõe a fazer quando menciona o sebastianismo em sua obra: o autor entende que a esperança individual passa a ser coletiva e que o mito causa um sentimento de conforto perante a realidade decadente do país.

Em 1810, o escritor e padre José Agostinho de Macedo, em sua obra *Os Sebastianistas*, já se posiciona de maneira contrária e negativa em relação ao mito analisado, instigando os leitores a fazer uma reflexão consciente sobre os exageros dessa crença e as seitas que estavam surgindo, além de querer demonstrar que uma crença exacerbada tirava o prestígio nacional que os portugueses ainda tinham, sendo reduzidos a tolos (PIRES, 1982, p. 14). Afinal, as narrativas das quais o mito sebastianista originou-se são dificilmente comprováveis, apoiando-se apenas em uma confiança excessiva de que o rei pudesse voltar do passado para resgatar o povo português no presente.

Fernando Pessoa também não deixou de contribuir sobre a temática sebastianista. Ele fez um estudo profundo sobre a estruturação do mito sebastianista e os assuntos ligados a ele, sendo um tema recorrente em muitas das suas obras. Porém, não

devemos supor, levemente, que essa repetição do assunto se trata de um erro ou falta de criatividade, uma vez que, em cada nova menção ao mito sebastianista, ele sempre trazia novas hipóteses, novos elementos e novas abordagens. A escrita de Fernando Pessoa sempre foi muito repensada por ele mesmo, elaborando diversos planos de lançamento dos seus textos.

A crença sebastianista é muito conhecida entre os portugueses, então, não é incomum que Fernando Pessoa tivesse contato com ela, mesmo que não tenha crescido na sua terra natal. Assim, movido pelo sentimento de se sentir pertencente a uma nação, o escritor procura inspiração nas lendas do próprio país, despertando profundo interesse em estudar o mito sebastianista e buscando sempre esclarecer que as suas investigações não seriam para vangloriar a si mesmo, mas que seria uma maneira de contribuir patrioticamente para uma nova identidade coletiva portuguesa.

Não há outro problema hoje de mais importância do que criar uma alma portuguesa. A antiga alma nacional, mesmo que ainda existisse, já não servia. É preciso, para que haja um Portugal Novo, haver uma Nova Alma Portuguesa. Para que possa haver uma política nacional, uma cultura nacional, qualquer coisa nacional, seja o que for, o primeiro passo a dar é espiritual, é criar aquela fonte nacional donde essas coisas, todas, depois inevitavelmente partirão. (PESSOA, 1978b, p. 35).

A veracidade de que o *Encoberto* exista não é uma preocupação para Fernando Pessoa, podendo ele ser alguém real ou não, afinal, desde que existam pessoas depositando sua fé nesse símbolo, ele existirá. Podemos ler o poema “Ulisses” – que se encontra na primeira parte do livro *Mensagem* – para elucidar esse pensamento, já que desde o primeiro verso temos a afirmação de que o mito “é o nada que é tudo”. Assim sendo, mesmo que ele não seja fundamentado, ele existe por si só mediante a crença daqueles que nele creem, como podemos analisar no oitavo verso do poema: “sem existir nos bastou”. Portanto, a existência do mito não está em sua concretização física, mas naquilo que ele representa simbolicamente e que é, afinal, capaz de impregnar o real.

O mytho é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.

Sem existir nos bastou.
 Por não ter vindo foi vindo
 E nos creou.

Assim a lenda se escorre
 A entrar na realidade,
 E a fecundal-a decorre.
 Em baixo, a vida, metade
 De nada, morre. (PESSOA, 2014, p. 23)

No título desse mesmo poema, temos a presença também de outro mito nacional português (ainda que importado da Grécia), o qual descreve que Ulisses é o fundador da capital Lisboa. Referenciar esse mito de maneira proposital no título desperta a atenção do leitor, pois serve de exemplo desde o início da leitura para demonstrar que os mitos fazem parte da cultura portuguesa, sendo amplamente conhecidos e até mesmo tidos como verdade por algumas pessoas. Dessa maneira, existe um entrelaçamento entre o verossímil e o fictício, sendo essa uma relação complexa para definir seus limites, pois podem não passar de uma reinterpretação simbólico-imaginária para alguns ou podem tornar-se verdade absoluta para outros.

Foi compreendendo essas singularidades entre a crença popular e a história portuguesa que Fernando Pessoa viu uma oportunidade de explorar as nuances do mito em *Mensagem*. Ocorre que, nesse livro, conscientemente ou não, reflete-se a vontade coletiva e o pertencimento patriótico, sendo visto por Fernando Pessoa como a ocasião ideal para atingir o seu propósito de resgatar a velha alma portuguesa, aquela que foi aos poucos sendo sucumbida pela decadência do país e pela modernidade.

Aquilo para que o mito nos aponta é a integridade de algo que se perdeu, *o nada que é tudo* para o momento da restituição do homem a uma ordem perdida ou a sua reintegração cósmica para além do caos, para o interior do que é o seu lugar efectivo no universo. (PIMENTEL, 2008, p. 9).

Aliás, a escolha das palavras “sol” e “Deus” no poema “Ulisses” traz um valor simbólico, visto que ambos podem ser associados ao renascimento, uma vez que o nascer do sol traz um novo dia, enquanto Deus, nesse poema, é associado àquele crucificado que ressuscitou após sua morte, segundo a crença cristã (SOMERA, 2019, p. 16). Além disso, a utilização do verbo “ser” no presente do indicativo na primeira estrofe do poema indica uma ação constante durante a leitura: assim como a constância de que todos os dias o sol nascerá, o mito se renova eternamente. O tempo do mito é um tempo fora do tempo, por assim dizer, atemporal.

De modo semelhante, temos o mito do “Encoberto”, em que o Encoberto virá em uma manhã de nevoeiro e estaria apenas esperando o momento propício para voltar. Na interpretação do Padre Antônio Vieira sobre as *Trovas de Bandarra*, ele afirmava que o Encoberto viria em 1640, coincidindo com o reinado de D. João IV. Dessa forma, Fernando Pessoa também expõe sua própria interpretação, motivada por sua vontade. Ele propõe que esse ser mítico viria entre 1878 a 1888, ano em que ele mesmo nasceu.

No terceiro Corpo das suas profecias, o Bandarra anuncia o regresso de D. Sebastião (pouco importa agora o que ele entende por esse ‘regresso’) para um dos anos entre 1878 e 1888. Ora, nesse último ano [1888], deu-se em Portugal o acontecimento mais importante da sua vida nacional desde as Descobertas; contudo *pela própria natureza de acontecimento*, ele passou e tinha de passar inteiramente despercebido. (PESSOA, 1978b, p. 54)

Posto isso, o poeta considerava-se ele próprio uma reencarnação do Encoberto, sendo ele um novo concentrador das forças e vontade coletiva. Fernando Pessoa, com a sua profunda crença no misticismo e a sua perfeita consciência sobre o seu projeto de escrita, acreditava que através das suas obras pudesse ajudar Portugal. Sendo assim, El-rei D. Sebastião mais um dos seus heterónimos. Além disso, destaca que quase todo gênio passou despercebido em sua época (PESSOA, 1978, p. 54-55).

Dessa maneira, podemos observar que o projeto de escrita pessoana foi constituído como uma ferramenta capaz de elevar o espírito português por intermédio de uma crença capaz de uni-los. Para isso, além de utilizar os mitos nacionais, Fernando Pessoa reconhecia no seu próprio papel de escritor uma das bases capazes de combater a decadência em que Portugal se encontrava. A ideia de Fernando Pessoa, portanto, consiste em incentivar o esforço individual e coletivo dos portugueses para que, assim, o Encoberto possa voltar dentro de cada um deles.

Como fenómeno cultural, o mito conserva, ou melhor, coincide com os ideais da nacionalidade, do ser português na origem para a sua vocação tardia: nasce com a consciência do povo português, corporiza-lhe o sentimento terrantês, ou matricial, e a emoção colectiva da pertença pátria, insinua a união da gesta com a esperança e a promessa, mas também a contradição da vida gloriosa com os páramos árduos da decadência. (PIMENTEL, 2008, p. 10).

Com as análises apresentadas nos parágrafos anteriores, podemos concluir que Fernando Pessoa não estava interessado em como os mitos se comportam racionalmente, já que a veracidade dos fatos é sobreposta pelo sobrenatural,

transformando a figura de D. Sebastião em um ser mítico, uma vez que não é possível afirmar que ele ainda esteja vivo para cumprir a profecia. Na terceira parte do livro *Mensagem*, temos o poema “Quinto Império” trazendo justamente essas questões nos dois últimos versos “Quem vai viver a verdade/ Que morreu D. Sebastião?” (PESSOA, 2014, p. 62).

Contudo, não devemos supor que todo o livro *Mensagem* é composto apenas de mitos e histórias criadas. Na segunda parte da obra, “Mar Portuguez”, o resgate de figuras históricas reais de importantes navegadores portugueses e suas conquistas propiciam aos leitores um vislumbre do passado, lembrando-os da boa fase de Portugal. Fernando Pessoa, quando relembra o passado em seu livro, mostra que a história foi feita por homens e mulheres dispostos a lutarem e a servir o seu país.

Temos, por exemplo, no poema “Padrão”, um dos maiores navegadores da história portuguesa: Diogo Cão. Esse importante navegador é lembrado sempre por sua vontade incontrolável de navegar por águas desconhecidas e de superar suas próprias limitações, sendo ele um exemplo de uma boa alma portuguesa. Ele buscava cumprir sua missão divina com Deus e com o seu povo, como descrito nos dois últimos versos da segunda estrofe do poema: “Que, da obra ousada, é minha a parte feita: / O por-fazer é só com Deus” (PESSOA, 2014, p. 48). Fernando Pessoa, quando escreve *Mensagem*, também está fazendo seu papel social para com Portugal.

Igualmente, D. Fernando, Infante de Portugal, mencionado em *Mensagem* também, é um exemplo de boa alma portuguesa. O legado desse rei foi o seu sacrifício para a preservação do país português, ou seja, colocando os ideais de patriotismo acima da sua vida, com a fé inabalável na vontade divina. Adicionalmente, também foi mais uma figura que seguiu as ordenanças bíblicas, cumprindo a missão de espalhar o evangelho aos infiéis do além-mar. Popularmente, ficou conhecido como santo por causa de alguns dos seus “milagres”.

O Santo Infante, como ficou conhecido D. Fernando, foi o único a receber grande destaque postumamente dentre os seus irmãos. Embora nos pareça triste a história de um santo que nunca foi resgatado, sua história foi muito bem aproveitada pela monarquia portuguesa; afinal, ter na família um santo os ajudaram a solidificar o poder da linhagem de Avis, permanecendo por mais de 200 anos no poder. Sua dinastia acabou somente após a morte de D. Sebastião.

Um detalhe importante é que o Infante nunca foi reconhecido como santo pela Igreja, entretanto, muitas músicas e poesias foram dedicadas a ele. Portanto, esses elementos acabam sendo mais importantes que o reconhecimento oficial da Igreja e dos fatos, prática comum do reino português. Graças a isso, muitas guerras foram travadas em seu nome, possuindo como foco o seu exemplo de morrer pela pátria santa.

De igual modo, o general Nun'Alvares Pereira, o Santo Condestável, também seguiu o exemplo do Santo Infante, tornando-se ele próprio uma espada para Portugal. Ele foi um comandante fundamental para o exército português, contribuindo significativamente para a independência do país lusitano. Após deixar as forças armadas, decidiu entrar para a Ordem do Carmo aos 63 anos. Adicionalmente, existem lendas que dizem que por debaixo das suas roupas de frade, ele não deixava de vestir cotas de malhas de ferro, estando disposto e vigilante para servir Portugal a qualquer momento. (BERARDINELLI, 2014, 107)

Dessa forma, ele é tido como um dos maiores exemplos de virtude, cristã e cidadã. Em sua homenagem, foi escrito as *Crônicas do Condestabre*. Além disso, ele mandou edificar o Convento do Carmo. Como reconhecimento dos seus feitos em vida, foi beatificado (1918) e canonizado (2009), sendo agora conhecido como “São Nuno de Santa Maria”. Por isso, ficou conhecido como um símbolo de humildade também, pois deixou tudo para se tornar um simples monge.

O legado do Santo Condestável é um exemplo a ser seguido em momentos de desesperança, por isso, Fernando Pessoa não poderia deixar de dedicar um poema a ele, podendo ser encontrado na seção “A Coroa” da primeira parte do livro *Mensagem*. O São Nuno de Santa Maria ganha o direito de estar nela, não por sua linhagem nobre, mas por seus feitos em prol de Portugal. No poema, Nun'Alvares Pereira é um rei por direito, de igual modo como o Rei Artur, pois ambos foram legitimados por espadas. No caso do santo, a espada é dada diretamente pelo cavaleiro do Santo Graal, simbolizando a união com o divino. Além disso, foi chamado de “Esperança consumada”, tornando-se a materialização das esperanças. Ele faz parte do exército espiritual que Fernando Pessoa idealizou.

Que aurela te cerca?
É a espada que, volteando
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando

Mas que espada é que, erguida,

Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Arthur te deu.

Esperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz a tua espada
Para a estrada se ver! (PESSOA, 2008, p. 77)

4. PADRE ANTÓNIO VIEIRA E O QUINTO IMPÉRIO

Neste capítulo, examinaremos as produções do Padre António Vieira e as utilizaremos como base para compreender diversos tópicos, tais como "O Quinto Império" e o "Milagre de Ourique". Esses temas estão relacionados ao livro *Mensagem* e desempenham um papel fundamental na estrutura dele. Para uma compreensão mais aprofundada das referências presentes ao longo da obra, especialmente nos poemas da terceira parte, como "O Quinto Império" e "António Vieira", é crucial ter um contexto prévio acerca desses assuntos.

O Padre António Vieira foi uma pessoa bastante influente, chegando a ocupar o cargo de conselheiro do rei D. João IV. Além disso, ele teve uma vasta produção escrita, variando entre sermões e livros. Dentre os assuntos mais recorrentes das suas obras, destaca-se sua interpretação sobre as *Trovas de Bandarra*. O padre tentou constantemente defender o seu posicionamento de que D. João IV seria o Encoberto profetizado por Bandarra, como podemos encontrar no livro *Cartas do Padre António Vieira: anotadas e coordenadas*.

Colher bem a consequência deste silogismo é discurso claro e evidente, porque se Bandarra é verdadeiro profeta, como se supõe, segue-se que infalivelmente se hão de cumprir suas profecias, e que há-de obrar El-rei D. João as cousas que o Bandarra tem profetizado dele; e como estas cousas não as pode obrar El-rei estando morto, como está, segue-se com a mesma infalibilidade que há-de ressuscitar. (VIEIRA, 1925, p. 488)

Ademais, os textos do padre também deram visibilidade para o mito sebastianista, pois, em uma tentativa de reavaliar a importância de D. Sebastião para a história portuguesa, Vieira propõe a santificação desse rei, chamando-o de "São Sebastião, o Encoberto". O sacerdote é bastante perspicaz em conseguir unir as crenças e as profecias em torno do Quinto Império, conseguindo apoio da maioria a respeito das suas interpretações das *Trovas de Bandarra*. Com isso, ele conseguiu elaborar uma nova argumentação sobre a legitimidade do trono português, afirmando que o Quinto Império viria através da linhagem de Bragança no comando.

O Padre António Vieira baseia a crença do Quinto Império no sonho de Nabucodonosor que foi interpretado por Daniel (Daniel 2: 31). De igual modo, também recorreu a acontecimentos proféticos, porém, iremos nos concentrar em apenas dois deles: o "Milagre de Ourique" e as *Trovas de Bandarra*. As afirmações feitas e os

embasamentos utilizados foram condenados pela Igreja Católica, com a alegação de serem “hereges”, mas também tiveram outros motivos. Por causa disso, o padre foi preso em 1665 e sentenciado à reclusão em 1667 (BERARDINELLI, 2014, p. 113)

Em primeiro lugar, começaremos explicando o Milagre de Ourique. No ano de 1139, durante a Batalha de Ourique, D. Afonso Henriques lutou contra os Mouros (o rei Irmar e os cinco mouros). Portugal saiu vitorioso desse combate, embora estivesse em desvantagem numérica. Diante das dificuldades, D. Afonso supostamente recebeu um sinal divino diretamente de Deus durante a batalha. No encontro entre os dois, Deus promete conceder a vitória contra os inimigos e abençoa as descendências futuras do reino que estava próximo de ser estabelecido.

Segundo Lima, a promessa de descendência e terras assinala-se à profecia feita por Deus a Abraão (Gênesis 17: 15-22). Consequentemente, a história narrada por D. Afonso Henriques têm preceitos semelhantes aos já encontrados na Bíblia, conferindo à história do Milagre de Ourique legitimidade religiosa e política. Dessa maneira, conforme o exposto, Portugal seria um país fundado sob a vontade de Deus e regido pela Lei da Graça (LIMA, 2005, p. 136). Essa vontade divina foi reafirmada por Deus por meio de outras profecias, como no sonho que originou as *Trovas de Bandarra*.

Foi logo lume sobrenatural, profético e divino, o que alumiu o entendimento deste homem idiota e humilde, para que as maravilhas de Deus, que nestes últimos tempos havia de ver o mundo em Portugal, tivessem também aquela preeminência de todos os grandes mistérios divinos, que é serem muito de antes profetizados. (VIEIRA, 1925, p. 502)

Segundo a história, durante a batalha de Ourique, Deus reconhece o reino português como um país evangelístico que levará o conhecimento da “palavra” a toda criatura e em todos os lugares, tornando-se a nação que iria colaborar para o surgimento de um novo mundo, tanto físico quanto espiritual (o Quinto Império). Essa questão de propagação do evangelho também pode ser encontrada em Marcos 16:15, sendo direcionado a todos os fiéis, independentemente se são portugueses ou não. Da mesma forma, no *Novo Testamento*, existem alguns acontecimentos pré-estabelecidos bíblicamente para ocorrer antes do “fim dos tempos”: e este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim (Mateus 24: 14).

O Padre António Vieira utiliza o Milagre de Ourique como base para solidificar a argumentação de que, conforme o sonho de Nabucodonosor (Daniel 2: 1-49), Portugal seria a ferramenta (pedra) forjada desde o princípio por Deus para prevalecer sobre os demais reinos. No sonho, os reinos são representados por uma estátua, correspondendo quatro divisões do seu corpo a quatro impérios: Assírio (cabeça), Persa (peitos e braços), Gregos (pernas) e Romanos (pés). Supostamente, Portugal seria a pedra desse sonho, responsável por ferir a estátua. Vieira baseia-se na fala de Deus para D. Afonso Henriques, na qual se refere à fundação de Portugal sob uma “pedra firme”, com o objetivo de sustentar que aquele reino é a mesma pedra que aparece na interpretação feita por Daniel do sonho de Nabucodonosor.

Não te apareci deste modo para acrescentar tua fé, mas para fortalecer o teu coração neste conflito, & fundar principios de teu Reyno sobre a pedra firme. Confia Afonso, porque não sô vencerás esta batalha, mas todas as outras em que pelejarem contra os teus da minha Cruz (BRANDÃO apud LIMA, 2005, pág 92).

Enquanto outras nações se detiveram à exploração e conquista de territórios já conhecidos pelo continente, como aconteceu durante a romanização, Portugal comportou-se de maneira oposta, expandindo-se até o “Novo Mundo”. Diferentemente de outros reinos cristãos que ruíram, Portugal se mantém firme. Essa permanência também pode ter sido prevista no sonho do rei Nabucodonosor, pois, na interpretação de Daniel, é dito que alguns reinos seriam incapazes de se consolidarem e acabariam, apresentando, portanto, um tempo definido; já o reino português será eterno: que o mar com fim será grego ou romano / o mar sem fim será portuguez (PESSOA, 2008, p. 91).

A mesma interpretação feita por Daniel também diz que iria surgir um reino sob a graça de Deus que iria prosperar, sendo este um representante do divino (Daniel 2: 44). Além disso, essa afirmação coincide com o Milagre de Ourique, já que Deus teria feito diretamente uma promessa semelhante a Henriques e seus descendentes: “Eu sou o fundador, & destruidor dos Reynos, & Imperios, & quero em ti, & em teus descendentes fundar para mim hum Imperio, por cujo meio seja meu nome publicado entre as nações mais estranhas” (BRANDÃO apud LIMA, 2005, pág 92).

Diante do exposto, podemos afirmar que as contribuições feitas por Vieira e pelos demais pensadores a respeito dessas crenças, como D. João de Castro, modificaram a perspectiva sobre como a história portuguesa está entrelaçada com a fé

cristã e os assuntos dela originados. O historiador D. João de Castro e Fernando Pessoa, em contraste com Vieira, escolheram D. Sebastião como o Encoberto. Por essa razão, Pessoa dedicou a terceira parte de *Mensagem* inteira ao monarca, o qual assumiu, nesta obra, o epíteto após a sua morte carnal, conforme será abordado no poema "D. Sebastião, Rei de Portugal" na seção subsequente.

No poema "O Quinto Império", de *Mensagem*, encontram-se referências à interpretação feita por Daniel a respeito dos quatro impérios que chegaram ao fim: "[...] Grécia, Roma, Christandade,/ Europa — os quatro se vão/ Para onde vai toda idade." (PESSOA, 2014, p. 62). Ademais, assim como Cristo, o rei D. Sebastião ressuscitará, sendo responsável por inaugurar o Quinto Império. Além disso, em tom profético, declara que uma luz surgirá em meio a escuridão: "[...] o dia claro, que no atro/ Da erma noite começou." Como também provoca o leitor: "[...] Quem vem viver a verdade?" (PESSOA, 2014, p. 62)

A terceira parte de *Mensagem* é pesarosa, pois, sem o sonho e ambição, a dura realidade do cotidiano do povo português é triste e sem soluções imediatas, ainda mais para aqueles que vivem na conformidade. Em "O Quinto Império" também se aborda essa questão, afirmando que ser "descontente" é uma característica essencial para nos tornar humanos. É através dos descontentes que haverá mudanças na sociedade portuguesa e no mundo.

Além disso, utiliza-se nesse poema paradoxos, ou melhor dizendo, oximoros, para criticar a falsa felicidade, como podemos observar no verso sexto do mesmo poema: "Triste de quem é feliz!" (PESSOA, 2014, p. 62). Nesse paradoxo de informações, temos uma crítica que serve de alerta para as pessoas que estão conformadas com a realidade ruim da sociedade, pois, quem não tiver a ambição de sonhar com um futuro melhor, levará uma vida triste.

Dessa forma, feliz é quem vive a loucura, como D. Sebastião, pois foi além da conformidade. No *Livro do Desassossego*, o semi-heterônimo Bernardo Soares fala que viver sem ir atrás de realizar seus sonhos é o mesmo que morrer: "Todas as naus são naus logo que esteja em nós o poder de as sonhar. O que mata o sonhador é não viver quando sonha; o que fere o agente é não sonhar quando vive". (PESSOA, 2013, p. 60)

Agora, analisando o poema "António Vieira", fica evidente que Fernando Pessoa foi um seu grande admirador; o poeta de *Mensagem* o chamou de "Imperador da língua portuguesa" (PESSOA, 2014, p. 68) por causa das suas produções relacionadas ao

Quinto Império. Por isso, ao longo do poema, há alguns elogios ligados ao plano astral. Ademais, é preciso estarmos atentos, pois a visão do Quinto Império que foi apresentada no poema diverge das interpretações feitas por Vieira. Nesse poema, o Encoberto como D. Sebastião é uma interpretação feita por Pessoa.

5. D. SEBASTIÃO EM *MENSAGEM*

O nome de D. Sebastião aparece em muitos poemas de *Mensagem*, entretanto, só é mencionado explicitamente apenas cinco vezes ao longo da obra. Dois poemas que evidenciam o nome desse monarca já foram apresentados na seção anterior: “O Quinto Império” e “António Vieira”. Nesta seção, iremos analisar os demais poemas: “D. Sebastião, Rei de Portugal”, “A Última Nau” e “D. Sebastião”.

A primeira menção direta ao rei ocorre no título do poema "D. Sebastião, Rei de Portugal", compondo a seção "As Quinas" da primeira parte do livro. Nesse poema, Fernando Pessoa nos remete ao desastre da Batalha de Alcácer-Quibir, em que um rei imprudente se arriscou a contrariar os conselhos dos demais. Dessa forma, D. Sebastião, dominado pela ambição e determinado a realizar um ato inconsequente, conduziu seus companheiros à morte e deixou o seu país à beira do colapso.

Desde o primeiro verso do poema, esse rei é declarado como “louco”: “Louco, sim, louco, porque quis grandeza” (PESSOA, 2014, p. 37). Isso acontece porque, após a batalha, o rei D. Sebastião foi imortalizado na história como “o rei louco” após o seu fracasso épico, mas também ficou conhecido como o rei que morreu buscando atingir os seus ideais de grandeza. Seu exemplo, no que diz respeito a buscar realizar os seus sonhos, ainda ecoam no imaginário popular, servindo de inspiração.

O rei D. Sebastião exemplifica o que é ser uma pessoa disposta a servir sua nação com a sua própria vida em prol de um bem coletivo, mas também de querer ir além daquilo que é disponível. Afinal, o objetivo de D. Sebastião com a Batalha de Alcácer-Quibir era proteger o território português dos seus inimigos de longa data, os Mouros, bem como de expandir seu território e, assim, finalmente, acabando com as disputas na fronteira.

O rei D. Sebastião personifica o que é conhecido como a boa “Alma Portuguesa”. Esse conceito de “Alma Portuguesa” foi discutido por Fernando Pessoa, no livro *Da República (1910-1935)*. O escritor via em D. Sebastião como um exemplo importante para ilustrar aos seus leitores que qualquer pessoa, independentemente do seu papel social, é capaz de fazer algo pela sociedade. O único requisito necessário para impactar a sociedade é ter a capacidade de idealizar um futuro melhor para Portugal e persegui-lo, mesmo que seja apontado como um ato de “loucura”. Fernando Pessoa

sempre ressalta a importância do coletivo e a integridade dos líderes, para que, assim, ambos possam participar na reconstrução de Portugal.

Além de D. Sebastião, existem outros personagens que reiteram os feitos grandiosos de Portugal, como Vasco da Gama. Ele é outro exemplo da “boa alma portuguesa”, pois partiu com os seus companheiros durante as “Grandes Navegações” sem saber se chegariam às Índias ou se iriam conseguir retornar a Portugal. Eles realizam essa empreitada inédita na história portuguesa em busca de novos territórios e novas oportunidades para o país, pois acreditaram que, depois das suas novas descobertas, seriam imortalizados na história.

De fato, suas viagens desencadearam eventos que impactaram o mundo todo, no entanto, elas não foram fáceis. Aqueles navegantes tiveram que deixar suas famílias para trás e enfrentar adversidades ao longo do percurso, mas, ainda assim, esses homens embarcaram em direção ao seu “destino”. Esse discurso apresenta, entretanto, uma contraface, visto que, mais do que uma missão religiosa para levar a "salvação aos cativos", claramente havia por trás políticas de expansão territorial e imperialistas.

Há, portanto, um interesse político também em manipular como a história é registrada, influenciando como ela será transmitida futuramente. A literatura portuguesa assumiu esse papel de ficcionalização da história, em que fatos e imaginação se misturam, como também podemos observar na obra de fundação *Os Lusíadas*. Ademais, a transmissão dos mitos e crenças através da literatura foi tão bem-sucedida que, até hoje, muitos prestam culto a D. Sebastião na esperança de que ele possa trazer de volta o passado lusitano de glória.

Inclusive, essa estratégia pode ser analisada em outras ocasiões. Após o suposto Milagre de Ourique, uma das primeiras coisas que foram feitas foi o juramento desses acontecimentos, com o objetivo de registrá-los e conferir veracidade. Observa-se que não existe nenhuma prova física ou visual, apenas documental a partir do relato de D. Afonso Henriques. Afinal, além de contar, é importante convencer as pessoas sobre os fatos ocorridos, mesmo que as provas e testemunhos fornecidos sejam duvidosos ou mesmo deliberadamente forjados.

Assim sendo, estabelecendo um paralelo entre Vasco da Gama e D. Sebastião, podemos concluir que ambos seguiram sua predestinação e alcançaram a imortalidade na história. Nos poemas de Pessoa, somos encorajados a termos a mesma coragem ou

loucura, do mesmo jeito que ambos os “heróis”. Além do mais, a Nação lusitana recebe um convite direto feito por D. Sebastião:

Louco, sim, louco, porque quiz grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que ha.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver addiado que procria? (PESSOA, 2014, p. 37)

Além de tudo, a “Sorte”, nesse poema, aqui personalizada como um deus pagão, não ajuda o rei cristão. Entretanto, D. Sebastião consegue, mesmo sem ajuda da “Sorte”, atingir os seus objetivos. É nesse poema que o rei louco consegue sua imortalização e se transforma no *Encoberto*, uma vez que teve sua morte carnal durante a Batalha de Alcácer-Quibir para renascer como um mito nacional. Essa transformação ocorre quando o seu corpo fica no deserto, mas seu ser não: “por isso onde o areal está / ficou meu ser que houve, não o que há”.

Agora, partiremos para a segunda menção a D. Sebastião, localizada na segunda parte do livro *Mensagem*, mais precisamente em “A Última Nau”. Nesse poema, temos D. Sebastião como passageiro de um barco, partindo com o objetivo de se fazer cumprir a profecia do Quinto Império quando retornar. Embora ninguém saiba quando será sua volta, os fiéis analisam os sinais e esperam pelo seu regresso: “Vejo entre a cerração teu vulto baço/ Que torna/ Não sei a hora, mas sei que ha a hora” (PESSOA, 2014, p. 56).

Nesse poema, “A Última Nau”, existe o questionamento do paradeiro de D. Sebastião e a suposição de onde ele poderia estar: “A que ilha indescoberta/ Aportou?”. As incertezas e os questionamentos permanecem nos demais versos: “Volverá da sorte incerta/ Que teve?”. Mesmo diante das incertezas, é preciso crer que a figura de D. Sebastião, um herói do passado, voltará para restabelecer Portugal: “Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro” (PESSOA, 2014, p. 56). Afinal, cumprir-se a profecia do Quinto Império e a volta do Rei Encoberto é a última esperança para Portugal ter novamente seus dias de ouro, ou seja, “A Última Nau” é a última esperança deles.

Nesse poema, desde a primeira estrofe, percebemos que há negatividade, visto que existe uma previsão de fracasso desde a sua partida, utilizando palavras, como “aziago” e “erma”. Desde o poema “A Última Nau”, temos a antecipação do tom

melancólico que permeia toda a terceira parte do livro. É estranho encontrar tais negatividades nesse livro, principalmente porque foi considerado uma obra de exaltação nacionalista à Portugal. Fernando Pessoa deixa transparecer em *Mensagem* sua tristeza sobre a situação em que se encontra o país, como podemos perceber no trecho do poema que integra a terceira parte do livro: “Escrevo meu livro à beira-mágoa”.

Seguindo adiante, chegamos à terceira menção explícita ao monarca. Dessa vez, a menção ao nome está no título do poema “D. Sebastião”. Ele é o primeiro poema da terceira parte do livro. Nesse poema, já estamos nos referindo ao ser “que há” e não mais o ser “que houve”. A alma do monarca está em espera, mas retornará em um novo corpo para cumprir a profecia. Além disso, no início desse poema, ele nos lembra do seu fracasso em Alcácer-Quibir, mas nos indica que sua morte foi concedida por Deus, ou seja, uma obra divina, a qual foi necessária para a criação do mito.

6. CIRCUNSTÂNCIAS EM TORNO DA PUBLICAÇÃO DO LIVRO *MENSAGEM* EM 1934

Entre 1933 e 1934, o Secretariado de Propaganda Nacional, órgão de propaganda do Estado Novo, lançou um concurso literário com cinco prêmios, sendo um deles intitulado “Prêmio Antero de Quental”, voltado somente para poesias. Esse prêmio, em específico, permitia dois ganhadores do mesmo prêmio, mas em categorias distintas, desde que ambas as obras estivessem dentro da temática estabelecida: inspirado na cultura portuguesa e que demonstra-se, preferencialmente, exaltação ao nacionalismo português. (BARRETO, 2018, p. 290).

O primeiro colocado do Prêmio Antero de Quental seria aquele que escrevesse o melhor livro de versos, enquanto o segundo seria aquele que escrevesse o melhor poema ou poesia solta. Para analisar as obras concorrentes, o concurso reuniu uma banca composta por dois poetas e dois críticos literários, sob a supervisão do diretor do concurso, António Ferro. A priori, o diretor não poderia interferir no concurso, mas alterações nas regras demonstram que não, pois foi lançado posteriormente uma retificação que permitia ele votar em caso de empate (BARRETO, 2018, p. 291).

Coincidentemente ou não, Fernando Pessoa e António Ferro eram conhecidos de outras ocasiões. Segundo Barreto (2010), eles dois se conheceram por volta de 1912, mas não desenvolveram uma amizade profunda, pois constantemente divergiam em relação ao posicionamento político um do outro (BARRETO, 2010, p. 1). O poeta apoiava um modelo de governo nacionalista, mas um modelo que preservasse a liberdade individual, enquanto o diretor foi um importante apoiador do salazarismo, governo o qual incentivava a censura.

Entretanto, mesmo diante dessa divergência, António Ferro era um admirador da escrita pessoana desde as suas publicações na revista “A Águia”. Posto isso, Ferro incentivou Fernando Pessoa a participar do concurso, acreditava no seu potencial de escrita. Devido à proximidade entre os dois, surgiram muitas especulações se *Mensagem* realmente cumpriu todas as regras do concurso, que exigiam o mínimo de cem páginas e uma temática nacionalista.

Para esclarecer essas divergências, Barreto (2018) direciona sua pesquisa para a análise da obra fac-símile do livro, que de fato possui cem páginas. No entanto, observa-se uma significativa intercalação de páginas, adotadas para atender às exigências. O responsável por auxiliar Pessoa nessa questão foi seu amigo Augusto

Ferreira Gomes, encarregado da tipografia e do design gráfico do livro. Todo esse esforço foi viabilizado devido a uma lacuna nas regras do concurso, que estabelecia um limite de páginas, mas não especificava como elas deveriam ser numeradas (BARRETO, 2018, p. 294).

Mediante a esses fatos, essa dilatação artificial deixa claro que o poeta queria concorrer ao prêmio de primeiro lugar da primeira categoria, livro em versos, mas diante desses impasses, o júri optou por dar-lhe o prêmio de melhor poema ou poesia solta. Com isso, a primeira edição do prêmio foi decidida, ficando em primeiro lugar o escritor Manuel Reis Ventura, com o seu livro *A Romaria*, e o segundo vencedor foi Fernando Pessoa, com *Mensagem*.

Além disso, o valor, que inicialmente era menor para o segundo colocado, passou a ser igual ao do primeiro após uma alteração feita pelo diretor do concurso. Essa mudança no valor, juntamente com o fato de *Mensagem* ter igualmente importância, contribuiu para as especulações sobre a influência e apoio de António Ferro a seu amigo. A aposta dele no poeta foi arriscada, pois ficou vinculado a esse livro, sendo qualquer postura contrária de Fernando Pessoa ao salazarismo, recairia sobre o diretor também, sem falar que qualquer mudança no regulamento seria vista com ressalvas.

Além do mais, é necessário refletir sobre a motivação de Pessoa em participar do concurso. Um dos motivos apontados é que o autor enfrentava dificuldades financeiras e dependia de trabalhos informais para sustentar-se. Fernando Pessoa, assim como muitos escritores modernos, sofria com a dificuldade de manter-se financeiramente apenas com a escrita, uma vez que, a partir da modernidade, essa atividade passou a ser encarada como um trabalho nada rentável em relação às expectativas do mercado. Um exemplo dessa dificuldade é que, em 1932, Fernando Pessoa chegou a se candidatar a uma vaga de conservador no Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, mas não foi selecionado, pois era praticamente desconhecido fora do círculo literário e não tinha ninguém que o recomendasse.

Outro ponto peculiar em relação ao Prêmio Antero de Quental é que Fernando Pessoa não foi pessoalmente receber o seu prêmio. Embora tenha concordado em participar do concurso, ele não simpatizava com as ideias do governo salazarista e, portanto, recusou-se a receber o prêmio pessoalmente. O concurso tinha como um de seus objetivos reconhecer os vencedores como “poetas-profetas do novo governo”. Essa associação não foi bem recebida por Fernando Pessoa, que, durante o mesmo período,

publicou o artigo "Associações Secretas" em defesa da Maçonaria, uma grande opositora do governo de Salazar.

Diferente de Pessoa, António Salazar fez questão de comparecer pessoalmente ao discurso de entrega do Prêmio Antero de Quental em 21 de fevereiro de 1935, expressando apoio ao seu governo. Além disso, em seu discurso, foram identificadas algumas críticas a Fernando Pessoa, descrevendo alguns intelectuais como "sonhadores nostálgicos do abatimento e da decadência". Fernando Pessoa também não se conteve e realizou algumas críticas, uma delas em forma de poema, lançadas e reunidas anos depois.

António de Oliveira Salazar

[...]
 Este senhor Salazar
 É feito de sal e azar
 Se um dia chove,
 A água dissolve
 O sal,
 E sob o céu
 Fica só azar, é natural.
 Oh, c'os diabos!
 Parece que já choveu...

Coitadinho
 Do tiraninho!
 Não bebe vinho
 Nem sequer sozinho...
 [...] (PESSOA, 1978, p. 349).

Logo, Fernando Pessoa conseguiu deixar claro, dentro dos limites permitidos pela censura, que não compactuava com o Estado Novo. Ele não tinha a intenção de publicar o seu livro *Mensagem*, principalmente sob essas circunstâncias, mas decidiu participar do concurso promovido pelo governo salazarista por questões econômicas. Inclusive, o escritor demonstra sua insatisfação através de cartas a amigos. Infelizmente, essas cartas e outros materiais biográficos demoraram a ser publicados por causa da censura.

Porém, mesmo com todas essas questões, o livro *Mensagem* foi classificado como uma obra de apoio ao governo salazarista. Um grande colaborador desta visão foi o escritor Alfredo Margarido. Segundo Barreto (2018), Alfredo Margarido baseou-se em algumas análises equivocadas a respeito do Prêmio Antero de Quental feitas por João Gaspar Simões no livro *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. Margarido desconhecia

o fato de que dois ganhadores eram possíveis desde o início do concurso, então supôs que essa criação de um segundo lugar teria sido criada posteriormente para beneficiar Pessoa.

Diante desse cenário, criam-se apelidos vexatórios sobre essa situação, sendo chamado o segundo lugar como prêmio de “consolação” para o poeta pessoano. Esses maus entendidos perpetuarão por muito tempo, até mesmo nas literaturas subsequentes (BARRETO, 2018, p. 297). Além disso, especulava-se que o livro *Mensagem* não era nacionalista o suficiente, burlando mais uma regra do concurso. Nesse ponto, ele pode realmente estar correto, pois, segundo Barreto (2018), os outros livros ganhadores dos outros gêneros literários ou o próprio *A Romaria* tinham claramente um viés político de apoio ao salazarismo (BARRETO, 2018, p. 311).

Entretanto, como já vimos ao decorrer do trabalho, fica claro que Fernando Pessoa não era contra os ideais de nacionalismo, pois possui uma vasta obra literária sobre esse tema. Aliás, é preciso esclarecer que, em dado momento, ele não se mostrou contra a ditadura, desde que ela cumprisse com algumas condições. É quando Pessoa escreve o controverso texto “O Interregno: Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal” (1928), o qual não tinha como finalidade defender o salazarismo, inexistente àquela altura, ou qualquer outro regime, mas sim de explicar o novo modelo de governo por ele idealizado, capaz de restituir alguma estabilidade política a Portugal (PESSOA, 1978, p. 301), o que não deixa de ser, no mínimo, problemático, em um contexto mundial de ascensão do nazifascismo.

Há só três bases de governo - a força, a autoridade e a opinião. Qualquer forma de governo tem que participar, para o governo, de todas elas: sem força não se pode governar, sem opinião não se pode durar, sem autoridade não se pode obter opinião. Embora, porém, qualquer governo de todas participe, uma delas haverá em que mais particularmente, em que distintivamente, se apoie (PESSOA, 1978, p. 316)

O poeta, a partir desse modelo, buscava unir o povo português. Afinal, nesse período, a população estava dividida entre os conceitos de monarquia e república: “Estamos divididos porque não temos uma ideia portuguesa, um ideal nacional, um conceito missional de nós mesmos” (PESSOA, 1978, p. 305). Como resultado, acontecia a dispersão da força coletiva para atender as vontades individuais. Para poder implementar esse novo modelo de gestão, era necessário que surgisse um novo Sidónio

Paes, capaz de unificar o povo, o que, como sabemos, viria a ocorrer, sob a face sinistra do totalitarismo de Oliveira Salazar, afinal veementemente rechaçado por Pessoa.

7 - CONCLUSÃO

O projeto de escrita do poeta Fernando Pessoa é, sem dúvida, bem elaborado, apresentando interrelações entre seus próprios textos e as demais obras nas quais se baseou. Além disso, podemos concluir que ele via no povo português pessoas capazes de desempenhar papéis significativos na sociedade, contribuindo para que a sociedade pudesse um dia alcançar sua época de ouro novamente. De certa forma, o poeta foi um gênio, pois, de acordo com as suas próprias definições sobre o tema, o gênio é todo aquele que quase ou nunca é reconhecido por sua geração, mas alcança o prestígio merecido postumamente.

O livro *Mensagem* serviu para popularizar os ideais que Fernando Pessoa desejava alcançar, sendo ele próprio um apóstolo do novo reino místico-esotérico que iria surgir. O poeta, como tantos outros, manipulou os mitos a seu favor, como acontece desde a fundação do reino lusitano. De forma pérfida, o governo salazarista compreendia, à sua maneira, que os mitos também eram importantes para assegurar o poder e justificar suas ações. Portanto, o objetivo de lançar o concurso literário era unir seus opositores em prol da esperança e da vontade divina por meio da ajuda de “profetas”. Afinal, a criação de mitos ou de mártires conseguiu, por muitos séculos, consolidar o reino português.

Contrariamente, o poeta não tinha como objetivo utilizar os mitos para apoiar governos, como Salazar sugeria. Na verdade, seu projeto de escrita envolvia usar os mitos para reconstruir o ideal de pátria, que foi aos poucos deturpado pelos regimes autoritários e pelo sentimento de decadência. Os portugueses não conseguiam mais ter orgulho de pertencer à nação lusitana, resultando na dispersão das forças necessárias para reerguer o país. Por isso, Fernando Pessoa propôs o resgate de antigas crenças, como o mito sebastianista, com o objetivo unificador de propósitos e direcionar a atenção para o esforço coletivo.

Para além disso, propagava que a mudança tão esperada pelos portugueses não viria da crença passiva nos mitos, mas sim por meio dos esforços individuais. Veja, por exemplo, para além dos nossos heróis do passado, ele mesmo, autor de *Mensagem* e de diversas produções que ecoam até hoje na imaginação popular, alcançando sua imortalização na história por meio delas. Por isso, ansiava que todos se tornassem gênios de suas próprias épocas, contribuindo significativamente para a nação portuguesa e, quem sabe, alcançando finalmente o Quinto Império... de sonho e poesia.

REFERÊNCIAS:

BARRETO, José. **A Mensagem de Fernando Pessoa e o prémio de poesia do SPN de 1934**. Pessoa Plural: 14 (O./Fall 2018).

BARRETO, José. **Fernando Pessoa e António Ferro: do espírito do Orpheu à “Política do Espírito”**. Versão revista de uma comunicação ao II Congresso Internacional Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa/Câmara Municipal de Lisboa, 23-25 de Novembro de 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2002.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1978.

LIMA, Luíz Felipe Silvério. **O império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo & messianismo brigantino**. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa ou as duas razões**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Trovas de Bandarra: Leituras, Releituras e Interpretações**. Porto: Editora Ecopy, 2010.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Roteiro de Leitura: Mensagem de Fernando Pessoa**. São Paulo: Ática, 1996.

PESSOA, Fernando. **Da República (1910 - 1935)**. Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1978a.

_____. **Livro do desassossego**. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013.

_____. **Mensagem**. Organização de Cleonice Berardinelli e Mauricio Matos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

_____. **Mensagem**. Apresentação, organização e ensaios de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

_____. **Sobre Portugal - Introdução ao problema nacional**. Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1978b.

PIMENTEL, Manuel Cândido. **O mito de Portugal nas suas raízes culturais**. In Matos, Artur Teodoro de; LAGES, Mário Ferreira, coord. Portugal: percursos de interculturalidade. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008; Vol. 3, p. 7-52.

PIRES, António Machado. **D. Sebastião e O Encoberto**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

QUESADO, José Clécio. **Mensagem, de Pessoa: uma epopeia da Modernidade**. Desassossego 15, 2016.

SOMERA, Rafaela Favarin. **“O mito da grandeza futura” Fernando Pessoa: um olhar sobre o sebastianismo**”. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

URIBE, Jorge; SEPÚLVEDA, Pedro; **Sebastianismo e Quinto Império: o nacionalismo pessoano à luz de um novo corpus**. In: Pessoa Plural, 2012; Vol. 1. p. 139-162.

VIEIRA, António. **Cartas do Padre António Vieira: coordenadas e anotadas (TOMO1)**. Por J. Lúcio d'Azevedo. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1925. 3 v., v. 1: xvii.

_____. **Sermão de São Sebastião**. Projeto Livro Livre, São Paulo, 2016.

_____. **Cartas do Padre António Vieira coordenadas e anotadas** por J. Lúcio d'Azevedo (Tomo 1). Revista Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925; Vol. 3. V.1.

VILAROUCA, C. G. **Pessoa/Bernardo Soares e Heidegger: Poesia e Pensamento contra a decadência**. Revista Desassossego, 2009. v. 1, n. 2, pág 132-141.